

O Menino Tió, o Pé de Cedro e o Tempo

Vinicius Bozzano Nunes*

Resumo: Este ensaio tem por objetivo realçar o debate existente sobre o conceito de tempo, ancorado nas teorizações de pensadores contemporâneos, entretecendo a esse pano de fundo algumas considerações sobre as maneiras com que a temporalidade, impressa na música “Pé de Cedro” atravessa a identidade coxinense. Para tanto, serão resgatados alguns momentos da vida de um de seus autores, Zacarias Mourão, delineando, com isso, o contexto em que a canção se torna importante e passa a povoar o imaginário coxinense. O desemaranhar do texto conduz a uma compreensão peculiar sobre o tempo na “Terra do Pé-de-Cedro”. Um tempo que se transfunde nos elementos da natureza, bucólico. Também é pueril, idílico. É tempo da ausência, saudoso. Tempo que ignora o progressismo, que “desacontece”. Tempo que pode ser lido no espaço.

Palavras-chave: Coxim; Pé-de-Cedro; Tempo; Temporalidade; Zacarias Mourão.

Abstract: This paper aims to highlight the existing debate about the concept of time, anchored in theories of contemporary thinkers, interweaving in this backdrop some considerations about the ways in which temporality, printed in the song “Pé-de-Cedro” crosses the coxinense identity. For this, a few moments in the life of one of the authors, Zechariah Mourão, will be presented, outlining with that, the context in which the song becomes important and begins to populate the coxinense thought. The unraveling

* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso e docente no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus Coxim.

of the text leads to a peculiar understanding of the time in the “Pé-de-Cedro” land. A time that is transfused in the elements of nature, bucolic. It is also childlike, idyllic. It is the time absence, homesick. Time ignores progressivism, that “unhappens”. Time that can be read in space.

Keywords: Coxim; Pé-de-Cedro; Time, Temporality, Zacarias Mourão.

Tornando a terra fofa...

Desafiando a divisão dicotômica entre tempo e espaço, há lugares que apresentam destacadamente a peculiar capacidade de ter essas dimensões amalgamadas uma à outra. Mas de tal forma fundidas, que talvez se fizesse necessária outra palavra para significar a junção, que não tempo, menos ainda espaço. Para identifica-los, é preciso ter treinado o olhar. É preciso buscar “aptidão para *ver o tempo*, para *ler o tempo* no espaço, e, simultaneamente, para perceber o preenchimento do espaço como um todo em formação [...]” (BAKHTIN, 1992, p. 243). Este ensaio pretende lançar uma visada sobre um desses lugares, Coxim, cidade ao norte do estado de Mato Grosso do Sul. Como guia, a poesia de uma das composições musicais de Zacarias Mourão – conhecido como menino tió – e um pouco de sua história de vida. Os pontos, de partida e de chegada, tem a mesma localização geográfica: um pé de cedro. O percurso, todavia, se dará na diferença existente entre um pequeno arbusto e a árvore ícone de uma cidade.

A proposta é puxar o fio de um debate existente sobre o conceito de tempo, ancorado nas teorizações de alguns pensadores contemporâneos, a fim de tecer algumas considerações sobre como a concepção de tempo, impressa na música “Pé de Cedro”, atravessa a identidade coximense. Não se chegará por este trabalho a lidar com conceitos como os de identidade, representação, subjetividade, entre tantos outros, sem dúvidas, necessários para um tratamento profundo da temática. O trabalho aqui será simplesmente o de, parafraseando o

próprio Zacarias Mourão, “tornar a terra fofa”, para que, a partir daí, sejam suscitados novos debates e reflexões.

Para tanto, por princípio, serão apresentadas algumas passagens conhecidas da vida do autor e suas articulações com sua obra mais conhecida, situando sua importância ao município. Diante disso, o esforço será o de forjar interfaces com a produção científica acerca do conceito de tempo. Ao longo do texto, serão buscadas algumas reflexões que, espera-se, contribuam para uma compreensão mais aprofundada sobre o tempo da “Terra do Pé de Cedro”.

O voo do tió

Terra do Pé de Cedro é o codinome pelo qual a cidade de Coxim tornou-se nacionalmente conhecida, levando, consigo, o ainda estado de Mato Grosso a conhecimento do restante do país. Isso se deveu ao alcance que obteve a composição de Zacarias Mourão e seu parceiro Goiás, “Pé de Cedro”. A música data de 1959, 20 anos depois – como detalha a própria canção – de ter sido plantado o arbusto, em 1939.

À época do plantio, o pequeno Zacarias tinha 11 anos de idade. Sua família, da qual era o único filho homem, viera do Maranhão e, enquanto o pai trabalhava, o menino vivia às voltas com o Padre Chico, pároco da região, de quem se tornou coroinha. Tió, pássaro comum na região e com fama de danado, fora inspiração para o apelido que o Padre dera a Zacarias.

O seminário, em Campo Grande – capital do estado – foi motivo que o afastara pela primeira vez de Coxim. Nos anos seguintes, Zacarias foi estudar em Petrópolis, no Rio de Janeiro, e depois seguiu para São Paulo, já iniciada a década de 1950. Lá, iniciou a carreira no Departamento de Rodagens (DER), onde chegaria a Policial Rodoviário Federal. Durante todo esse período, permaneceu ligado à atividade artística.

Por meio de um concurso de poesias, que vencera na Rádio Bandeirantes, as portas do mundo das rádios abriram-se para ele. “Zacarias Mourão começou a carreira ganhando concursos de poesias nas rádios e comandou produções jornalísticas, de variedades e musicais na Rádio Bandeirantes, Radio Nacional, Excelsior...” (TEIXEIRA, 2009, p. 12). Passou a comandar o programa “Brasil Caboclo” e, depois, “Porteira Velha”. Segundo depoimento de sua filha, Lígia Mourão, “também foi diretor da gravadora Phillips e PolyGram e companheiro do Miguel, dono da gravadora CID” (TEIXEIRA, 2009, p. 72). Conta ainda que, em 1959, antes da composição, voltou a Coxim, abraçou a árvore e chorou (ibid.).

A partir daí atuou como produtor musical, descobrindo músicos em Mato Grosso do Sul e levando-os às grandes gravadoras, com quem mantinha forte vínculo. “Quem fazia a ponte dos músicos do Sul de Mato Grosso não só com a Gravadora Califórnia, mas com os programas de rádios e circuito de shows em São Paulo era Zacarias Mourão” (TEIXEIRA, 2009, p. 13). Também foi responsável por trazer artistas de renome nacional para tocar no estado, promovendo um verdadeiro intercâmbio cultural.

O canto do tio

*“Foi no belo Mato Grosso, há 20 anos atrás.
Naquele tempo querido que não volta nunca mais.
Nas matas onde eu caçava, um pequeno arbusto achei.
Levando para minha casa, no meu quintal o plantei.
Era belo o pé de cedro, pequenino, em formação.
Sepultei suas raízes na terra fofa do chão.
Um dia parti para longe, amei, também sofri.*

*Vinte anos se passaram em que distante eu vivi.
Hoje volto arrependido para o meu antigo lar,
Abatido e comovido, com vontade de chorar.
Venha ver meu pé de cedro, que está grande como o quê
Mas é menor que a saudade que hoje eu sinto de você
Cresceu como a minha mágoa, cresceu numa força rara.
Mas é menor que a saudade que até hoje nos separa.
A terra ficou molhada do pranto que eu derramei.
Que saudade pé de cedro, do tempo em que plantei.”
(Pé de Cedro – Zacarias Mourão e Goiá, 1959)*

A obra de Rodrigo Teixeira “Os Pioneiros: a origem da música sertaneja de Mato Grosso do Sul”, publicada em 2009, traz contada a história daqueles que iniciaram a produção e difusão da música sertaneja sul-mato-grossense. O trabalho historiográfico se deu por meio de fontes de arquivo e relatos de pessoas que vivenciaram essa trilha proximamente. Dentre tais registros, encontra-se a própria história da composição da canção “Pé de Cedro”.

A filha de Zacarias, Lígia Mourão, colaboradora do livro, lembra de uma falade Tibagi – primeiromúsico a gravar o Pé de Cedro, junto com seu parceiro Miltinho – quando do pedido feito por Zacarias para tal. No teor do depoimento, vê-se a percepção da improbabilidade de que uma música que tinha como tema uma árvore, em uma cidade e estados desconhecidos, viesse a fazer sucesso: “Música sobre uma árvore em Coxim, onde é isso? Tem essa cidade no mapa?” (TEIXEIRA, 2009, p. 76). Contra todas as expectativas, a canção ganhou as rádios e situou Mato Grosso do Sul no mapa do Brasil.

Adquiriu tanta representatividade no imaginário coxinense que, hoje, é o hino oficial do município. Em sua letra, vemos vestígios de

uma compreensão de tempo onde se evidencia certo saudosismo em relação a momentos idos, à infância. Também um tempo que remete à ideia de desenvolvimento, de crescimento, tal qual como ocorre na natureza, em detrimento do desenvolvimento no sentido do progresso. Implícito, o tempo da ausência, do distanciamento de 20 anos, gerador da saudade, arrependimento e mágoa. Assim, aproximando-nos do foco principal traçado para este ensaio, debruçemo-nos sobre alguns pensamentos acerca do conceito de tempo para adiante relacionarmos-lo com a formação da identidade coxinense.

Considerações sobre o tempo

Se lançada a pergunta: “o que é o tempo?” certamente teremos alguma dificuldade em responder. Não é uma questão que se encontra presente em nosso cotidiano, do tipo para o qual automatizamos respostas. É uma pergunta que nos leva a perambular por distintos caminhos do pensamento, jogando-nos ao limiar entre o que é e o que não é mensurável. “A mente humana tem a experiência do tempo mas não a sua representação, ela necessariamente concebe o tempo por intermédio de imagens espaciais” (AGAMBEN, 2005, p. 113). Diante disso, criamos meios para tornar o tempo inteligível.

Na antiguidade greco-romana, como afirma Agamben (2005), o tempo era entendido como algo cíclico, sem começo, meio e fim. É um tempo que retorna sobre si mesmo e que não tem direção precisa. Sua mensurabilidade, que sombreia a noção ocidental de tempo até hoje, vem do conceito de instante, elaborado por Aristóteles. Ele é “um puro limite que conjuga e, simultaneamente, divide passado e futuro” (AGAMBEN, 2005, p. 113). Esse tempo é um tempo natural, onde as coisas se situam, onde os objetos estão colocados. Também, o tempo greco-romano, considera aquilo que é presente ao olhar, excluindo o que é apresentado por outro, vindo de outro tempo, o

que revela a peculiaridade da experiência da história que se tinha na Antiguidade Clássica.

Em contraponto, essa visão cíclica de tempo se opõe à concepção forjada na Idade Moderna. O tempo, agora, apoia-se unicamente na transição esvaziada entre passado e presente, onde o sentido está no processo – enquanto sucessão de instantes – e não no instante em si.

Esta representação do tempo como homogêneo, retilíneo e vazio nasce da experiência do trabalho nas manufaturas e é sancionada pela mecânica moderna, a qual estabelece a prioridade do movimento retilíneo uniforme sobre o movimento circular (AGAMBEN, 2005, p. 117).

É um tempo que não se volta sobre si, mas sim, remete à ideia de progresso e de desenvolvimento. Esta é a noção de tempo que hoje temos arraigada em nós. Tão fortemente, que na maior parte das vezes temos a clara impressão de que não existe outra possibilidade de experimentar a história. Esse tempo tem como um de seus símbolos o relógio, instrumento útil à física, mas que não é capaz de medir o tempo invisível. “Mas o tempo não se deixa ver, tocar, ouvir, saborear nem respirar como um odor. Há uma pergunta que continua à espera de resposta: como medir uma coisa que não se pode perceber pelos sentidos?” (ELIAS, 1988, p. 7). O que os relógios restringem-se a fazer, logo, é comparar a duração de um fenômeno à uma padronização cuja criação tem origem na própria sociedade.

Assim, o tempo está além de sua quantificação. Embora o domínio das ciências exatas e sua forte influência sobre o pensamento moderno e contemporâneo, insistam em impor a nós uma concepção métrica e projetável de tempo, é possível pensa-los outros prismas. Não só possível, como necessário, se tivermos que “a tarefa original de uma autêntica revolução não é jamais simplesmente ‘mudar o mundo’, mas também e antes de mais nada ‘mudar o tempo’” (AGAMBEN, 2005, p. 111). Dessa maneira, vemos a centralidade do debate

sobre a concepção de tempo, inclusive, no campo das transformações sociais. Não somente nas ciências, mas também e, mais livremente, nas artes, o tempo se mostra algo problematizável.

Quando a ave toca o tempo

O tema é recorrente em diversas pérolas do cancionero nacional. *Tempo Rei* e *Cada Tempo em seu Lugar* de Gilberto Gil; *João e Maria* e *Futuros Amantes* de Chico Buarque; *Tempos Idos* de Cartola; *Sinal Fechado* de Paulinho da Viola; *Oração ao Tempo* de Caetano Veloso, enfim, são diversas as canções, dos mais distintos estilos musicais, que trazem o tempo, ora como protagonista, explícito, ora como pano de fundo, ou ainda, diluído no desemaranhar das letras.

Um olhar um pouco mais atento pode ver mais do que as letras nos dão de pronto. Com atenção, percebemos que as canções não só retratam uma determinada compreensão do tempo, extraída da experiência vivida, observada por seus autores, mas também operam no forjar de novas compreensões. Assumem papel tão importante nesse processo, que, de algum modo, fundam subjetividades. Isso se evidencia bem mais claramente através das músicas ditas regionais, à exemplo. A música tradicional gaúcha, o samba, o carimbó, o forró, a música sertaneja, a caipira, retratam, mantêm e agem sobre as identidades de determinadas localidades. A percepção de tempo, por vezes implícita nessas canções, não foge a essa regra.

O decifrar do tempo histórico faz emergir os sinais visíveis da ação do homem sobre o mundo. O artista lê nessas marcas “os desígnios mais complexos do homem, das gerações, das épocas, dos povos, dos grupos e das classes sociais” (BAKHTIN, 1992, p. 243). Imersa nesse espírito, nasce a música “Pé de Cedro”, como retrato e pilar do que foi e, respectivamente, do que viria a ser a identidade coxiniense.

A cidade, berço da canção, embora às margens da BR 163, um dos principais canais de escoamento da produção agrícola do país, não carrega em si os sinais do progresso que a tangenciam pela malha asfáltica. O município, situado na fronteira entre os biomas Cerrado e Pantanal é permeado por diversos rios, entre eles o Coxim e o Taquari, destacando-se, em contraponto, pelo valor natural da fauna e flora que se entremeiam por suas antigas construções. Foge, assim, do estereótipo do desenvolvimento, parâmetro pelo qual se tem medido o sucesso das cidades de Mato Grosso do Sul e do estado vizinho, Mato Grosso. A bovinocultura, o cultivo do milho e da soja em larga escala, enfim, os motores de investimentos em modernização desses espaços urbanos, chocam-se com o bucolismo característico de Coxim.

A temática ecológica trazida em "Pé de Cedro" reforça essa percepção: *Nas matas onde eu caçava, um pequeno arbusto achei / Levando para minha casa, no meu quintal o plantei / Era belo o pé de cedro, pequenino, em formação / Sepultei suas raízes na terra fofa do chão (...)*. As matas, onde caçava com o Padre Chico, certamente hoje não estão tão preservadas, mas ainda existem abundantemente. A ligação que tinha com a preservação do meio ambiente, expressa na ideia de arborização com uma espécie local, também são notáveis. Segundo Teixeira, "o tom pró-natureza já estava contido na ecológica 'Pé de Cedro' [...] quando o assunto não era nem de longe uma pauta interessante" (2009, p. 35). Essa espécie de apelo ainda é tônica no discurso corrente. A valorização da natureza, iconizada por uma árvore, símbolo da cidade e hino municipal, está de certo modo relacionada à resistência à adesão ao tempo do progresso. Esse tempo distinto, que imprime um ritmo estranho ao que é preconizado pelos ditados civilizatórios.

Manoel de Barros nos auxilia com sua compreensão sobre o tempo no Pantanal e, conseqüentemente, no que tange à sua parcela de influência sobre o "ser" coxinense. No livro *Poesia Completa*, dentro do texto *Carreta Pantaneira*, diz que "As coisas que acontecem

aqui, acontecem paradas. Acontecem porque não foram movidas. Ou então, melhor dizendo: desacontecem” (BARROS, 2010. p. 207). O vínculo às questões da natureza e, por conseguinte, sua valorização, possivelmente tornam desimportante aderir ao fluxo do progresso, ou, pelo menos, fazem difusas as motivações para tal. Os costumes e ideias humanas nos dão pistas sobre o tempo, mas, diante do “Pé de Cedro”, fica nítido que é a natureza quem mais contundentemente revela a marcha do tempo nessa cidade. Seja “no movimento do sol e das estrelas, no canto do galo, nos indícios sensíveis e visuais das estações do ano” (BAKHTIN, 1992, p. 243). Complementaria, contextualizando, que, nesse lugar, o tempo toma a forma do voo da garça, do canto da curicaca, dos saltos dos dourados, do banho dos jacarés, da maturação do caju e do pequi, do remanso das águas dos rios e córregos, toma a forma da subida dos cardumes na piracema e do deslizar do camalote sobre a flor da água.

Observando do acostamento a “fuga para frente” representada pela corrida desenvolvimentista, são vendidos por seus habitantes aos motoristas o caju e o pequi. Leem-se, no trecho da rodovia que corta a cidade, anúncios que despertam o interesse do turismo de pesca. Esses, entre outros, são exemplos de formas de exploração de recursos que vão na contramão dos processos de industrialização que, por sua vez, são geralmente tomados por índices do progresso. Tivesse o município um hino oficial à moda dos convencionais, exaltando feitos bélicos e seus heróis ou enaltecendo o próprio progresso – então um que fala de um homem e um pé de árvore em crescimento –, perceber-se-ia o tempo de forma diferente? Haveria outra noção de progresso? O raciocínio desenvolvido até este momento neste texto incita a pensar que sim.

Outra forte referência da canção é a visão idílica da infância, expressa no excerto *Aquele tempo querido, que não volta nunca mais*. Esse era o tempo de criança de Zacarias, a época em que, com 11 anos de idade,

plantara o pé de cedro. É comum que os relatos de pessoas adultas sobre sua infância tenham sempre um quê de saudades. Mas, como dito em um trecho da letra, *Que saudades pé de cedro, do tempo em que te plantei*, vemos reforçada a ideia de infância como um tempo lírico e irrepetível, o que, para Zacarias Mourão tinha um valor especial.

Em estudo realizado por Rojas e Souza (2010), buscou-se entre professores coxinenses analisar suas percepções de infância. Nesse trabalho, utilizou-se como artifício metodológico a exposição de brinquedos diversos aos sujeitos da pesquisa, pedindo-se que, após, tecessem considerações sobre a percepção de sua própria infância. Todos os sete entrevistados fizeram menção direta ou indireta a uma infância diferente que, hoje, não se teria mais. E, em absolutamente todos os discursos expostos, está presente o saudosismo em relação a esse tempo. Com isso, vemos que o menino tió, não se encontra isolado em seu modo de entender a própria infância em Coxim. Junto a ele, está a geração que cresceu ouvindo “Pé de Cedro” e que ensina a quem ainda ouve. Em que exata medida a canção reforça essa compreensão de infância nos adultos coxinenses? É uma questão para a qual talvez nunca tenhamos uma resposta precisa. Mas é certo que esse elemento, evidente na canção, tem lugar cativo em seus imaginários.

Abatimento, comoção, arrependimento, saudade e mágoa são os sentimentos relatados pelo autor quando de sua volta a Coxim, oportunidade de seu reencontro, 20 anos depois, com o arbusto que plantara. Zacarias compara o crescimento de sua mágoa com o próprio desenvolvimento da planta, que *Cresceu numa força rara*, tal qual diz. Os trechos delatam o sentimento de perda diante de sua ausência, frente ao distanciamento do lugar que chamava de “pedacinho do céu na terra” (TEIXEIRA, 2009).

Esse sentimento, que ligara o autor da música ao passado, está também impresso na identidade coxinense, que confere distinto valor

a sua história. Isso se nota pelo fato de uma cidade com pouco mais de 30 mil habitantes possuir 3 museus e, em todos, estarem presentes fragmentos da história local. Pelas ruas, especialmente do centro antigo, em alguns lugares há inscritas nas paredes passagens da Rota das Monções, um dos primeiros indícios civilizatórios da colonização de origem europeia no local. Em postes, figuras que remetem à arte indígena, com padrões kadiwéu. A viva memória de Henrique Spengler, ativista cultural assassinado em 2003, amplamente cultuada entre os coxinenses e representada por um Memorial em sua homenagem. E a própria figura de Zacarias Mourão, também viva e fundante na identidade coxinense. Todos esses elementos denotam o culto ao passado pertinente à configuração identitária de quem é de Coxim.

Um último repouso...

A título de conclusão, o objetivo aqui pretendido não foi o de esgotar o assunto. Tampouco foi o de apresentar uma leitura absolutamente isenta, asséptica do tema. Esta é uma leitura, dentre tantas outras mais também possíveis. Esta leitura é, certamente, parcial e parte de uma específica perspectiva. Isso é preciso deixar bastante claro.

Porém, é preciso referendar, de nenhuma maneira, há um juízo de valor pejorativo em relação ao não progresso da cidade. Ao contrário, o que pode haver escapado, por acidente e nas entrelinhas, é um real encantamento por um lugar que subverte uma noção de tempo comum em função de uma outra, que se vê tão somente às voltas do que lhe parece belo. Que rompe com rótulos de recentes campanhas políticas progressistas que produzem efeito às avessas lhe colocando, mesmo sem querer, no lugar do atraso.

Por fim, se a canção “Pé de Cedro” reforça o “ser” coxinense ou se é seu um mero retrato, penso não ser, tal divisão, uma maneira adequada de tentar compreender o que exatamente é pertencer a

Coxim. Melhor seria, conluo, ver um menino e uma árvore, um passado e um presente, um tempo e um espaço, um povo e uma canção, o arbusto e o Pé-de-Cedro, como uma só coisa, lidas uma na outra.

Referências

AGAMBEN, G. "Infância e História: destruição da experiência e origem da história". Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BAKHTIN, M. "Estética da Criação Verbal". São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert. "Sobre o tempo". Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

ROJAS, J. S.; SOUZA, M. N. Gonçalves. "A Memória e a Percepção da Infância para atuação pedagógica". *Revista História Agora*, Curitiba, p. 249 - 264, 02 set. 2010.

TEIXEIRA, R. "Os Pioneiros: a origem da música sertaneja de Mato Grosso do Sul". Campo Grande, 2009.